

A semântica de prever à luz da perspectiva cognitiva

MARIA CLOTILDE ALMEIDA
(Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

*“Polysemy, is roughly,
the synchronic reflection of
diachronic semantic change”.*
D. Geeraerts (1997 : 6)

0.

No presente trabalho, enquadrado na teoria cognitiva, a saber, Lakoff (1980, 1987), (Johnson 1987) e sobretudo, Lakoff (1991) iremos estudar a concepção abstracta de prever fundamentalmente no plano onomasiológico, embora também necessariamente no plano semasiológico.

Tendo em vista este objectivo, traçado também com base nos princípios da semântica diacrónica estabelecidos por Geeraerts (1988) e (1997), investigaremos semasiologicamente a concepção polissémica latina de praevidere que dá origem à concepção portuguesa de prever. Após o estabelecimento de uma relação entre o escopo polissémico de praevidere e o escopo polissémico de prever, completaremos o nosso trabalho com o estudo onomasiológico da noção de prever na actualidade, remetendo também para o estudo do seu significado no latim.

Constitui objectivo final do presente a comprovação da univocidade do significado de prever em relação às ocorrências alegadamente consideradas sinónimas, tendo como suporte a semântica cognitiva numa perspectiva diacrónica.

1.

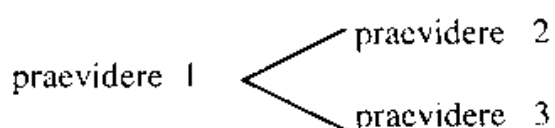
Antes de procedermos ao estudo de prever, pretendemos esboçar em breves linhas os princípios cognitivos que regem o presente trabalho. Em primeiro lugar, distingue-se a primazia atribuída à semântica, pelo que a análise tem nitidamente por objectivo o estudo das representações conceptuais. Em segundo lugar, destaca-se o carácter enciclopédico do

significado linguístico, não se registrando separação entre o conhecimento do mundo e o conhecimento linguístico. Assim, as estruturas simbólicas constituem um reflexo das representações cognitivas. Em terceiro lugar, evidencia-se o carácter perspectivizante e experiencialista do significado linguístico, pelo que até mesmo as concepções abstractas são interpretáveis à luz do concreto (Lakoff 1991).

Para entendermos o significado de prever no português actual teremos de recuar no tempo estudando, por um lado, as várias representações em latim semanticamente equivalentes investigando, por outro, a polissemia presente em cada uma delas.

A concepção de prever tem origem na concepção latina de praevidere de cariz polissémico. Usufruiu não só de um significado concreto de visão anterior, como a própria etimologia indica : prae (antes), videre (ver), mas também de significados abstractos, denotando acções de compreensão prévia (perceber antecipadamente), e de projecção mental antecipada (prever).¹

Não temos dúvidas em afirmar que, à luz dos princípios da teoria cognitiva, o significado físico de percepção visual anterior é primordial, pelo que nos parece evidente, para já, o estabelecimento do seguinte feixe de relações semânticas no plano semasiológico:



A relação semântica entre praevidere 1 e praevidere 2 fundamenta-se na associação metafórica entre visão e compreensão (Lakoff/Johnson 1980), (Sweetser 1990) em que realiza a transposição do domínio do concreto para o domínio do abstracto. Logo, a extensão metafórica de praevidere 1 a praevidere 3, que decorre da transposição da visualização física para o visionamento mental, constitui igualmente uma transposição do domínio cognitivo do concreto para o domínio cognitivo do abstracto.

Porém, no latim, paralelamente a praevidere figurava a concepção de providere, decomponível em pro- (diante, defronte de) e videre (ver). Segundo Dumesnil (1821 : 543), a diferença entre as duas concepções residia no facto de que esta última "marque une prévoyance plus éloignée". Contudo, providere é também polissémico segundo Ferreira (1994 : 951) ; "(provideo) 1. ver antes, ver antecipadamente; 2. ser o primeiro a ver; 3. prever, pressentir, adivinhar; 4. prover, olhar por."

Na base das definições apresentadas para os sentidos 1 de praevidere e providere fica patente que o primeiro se prende com uma imagem física de visão anterior (ver antes), enquanto o segundo já denota uma intersecção de domínios (ver/antes/ver antecipadamente). Também ressalta à vista o facto de, nos sentidos abstractos, a imagem de providere se revelar mais distanciada do aspecto perceptivo do que a imagem de praevidere.²

2.

Quanto ao português, uma investigação histórica do referido conceito em Machado (1955 : 429) evidenciou que tanto o significado de “ver antes”, quanto de “aperceber-se antecipadamente” teriam existido no século XVI. Esta afirmação não coincide com o levantamento que realizamos num corpus da época.³ Constatámos que, pelo contrário, para representar a visão anterior não se recorria a prever, mas a ver antes. Assim, na Crónica de D. João I da autoria de Fernão Lopes no capítulo 115 p. 19 ocorre o exemplo:

“Outras chaves apanhava uê homem cada noite de que o Meestre muito fiava, e vendo primeiro como as portas ficavam fechadas, lhas levava todas aos Paaços onde pousava.” (sublinhados nossos)

Tudo indica que prever teria, já no português da época em questão, um significado fundamentalmente abstracto. Mais adiante estudaremos se a referida concepção mantém, no português actual, o mesmo valor semântico.

3.

Tendo consciência da complexidade intrínseca à definição do que constitui o sentido abstracto de um termo, conforme evidenciado pela análise aprofundada de Galmiche / Kleiber (1996)⁴, não podemos deixar de distinguir, por um lado, a experiência física e o objecto, e, por outro, a experiência psíquica e as qualidades abstractas, enfatizando, porém, que não se trata de uma oposição dicotómica, mas de uma escala de valores que vai do mais concreto ao mais abstracto com possíveis intersecções.

Referiremos ainda que a primazia da experiência física sobre as ideias abstractas foi defendida, entre outros, pelo filósofo do século XVIII Jean-Jacques Rousseau (1981 : 16):

“As ideias abstractas, em última análise, como qualquer outra das nossas ideias, não passam de sensações transformadas. E não só: o seu modelo de inteligibilidade reside nas próprias sensações”.

Este autor estabelece, então, em primeiro lugar, o primórdio das sensações, em segundo lugar, a estruturação das ideias abstractas a partir dessas mesmas sensações, e, por fim, a compreensão daquelas apenas à luz destas.

Também a teoria cognitiva, na pessoa de Lakoff (1991 : 54), segue esta linha de pensamento, redimensionando os princípios acima enunciados. Assim, para o autor :

“ a great many, if not all, abstract inferences are actually metaphorical versions of spatial inferences that are inherent in the topological structure of image-schemas.”

Da decomposição desta afirmação, aliás bastante densa, resultam os seguintes pressupostos:

- as inferências abstractas são versões metafóricas das inferências espaciais;
- as inferências espaciais são inerentes à estrutura topológica dos esquemas imagéticos (Johnson 1987) ,(Lakoff 1987).

Logo, podemos concluir que as inferências abstractas são um produto das inferências espaciais metaforizadas que, por sua vez, estão mentalmente presentes nos esquemas imagéticos que tomam diversas formas linguísticas.

Parece já ser possível na base das afirmações acima compreender e interpretar o significado de prever no sentido abstracto:

- Prever abstracto será uma versão metafórica de uma inferência espacial “ver antes”, em que se transpôs o domínio da anterioridade espacial para o domínio da anterioridade temporal;
- Ver antes é inerente à estrutura topológica do esquema imagético pré-conceptual frente (trás) ⁵, ou seja, a ordenação espacial anterior de algo no espaço em relação a outro algo.

A partir desta explicação já podemos encetar o estudo do complexo polissémico de prever. Começemos com o exemplo:

(1) O João previu o acidente

que nos permite inserir o significado de visionamento mental antecipado de prever na área das ocorrências pontuais abstractas (por hipótese colisão seria mais concreto). Mais reconhecemos a possibilidade de figurações metonímicas de prever:

(2) O boletim metereológico previu a tempestade

pelo que o sujeito humano agente se vê substituído pelo contexto mais vasto em que se insere, ou seja, o programa televisivo boletim metereológico. Quanto à natureza semântica do objecto directo, tempestade, reconhecemos tratar-se de uma ocorrência processual abstracta.

A viabilidade da ocorrência de extensões metafóricas de prever é também um facto, conforme o exemplo:

(3) As cartas previram a catástrofe

sendo atribuída a cartas a capacidade mental de antecipar visualmente a ocorrência. Porém, quando em sujeito figura um elemento desprovido de capacidade de visionamento mental antecipado, torna-se inverossímil a sua articulação semântica com prever:

(4) * As nuvens previram a tempestade

Começa a desenhar-se claramente o escopo semântico de prever 1, muito provavelmente associado ao sentido abstracto de visionar uma ocorrência processual abstracta ou pontual abstracta anteriormente à sua experiencição visual.

4.

Antes de progredirmos com a investigação semasiológica e onomasiológica de prever, convém reflectirmos sobre aspectos relacionados com a concepção de sinonímia, o mesmo será dizer, com aspectos relacionados com a noção linguística de isomorfia que pode ser explicável por “uma forma para um significado”.

A noção de isomorfia tem raízes profundas na semântica clássica, a saber, em Ullmann (1957 : 108):

“it is almost a truism that total synonymy is an extremely rare occurrence, a luxury which language can ill afford.”

O autor afirma, por um lado, a raridade do fenómeno em questão e, por outro, evidencia a sua inserção no domínio do supérfluo, um luxo marginalmente concebível no âmbito do sistema de regularidades, patenteado no quadro estruturalista. Na tentativa de justificar a afirmação em questão, o autor identifica duas “forças” que condicionam a sinonímia absoluta, nomeadamente, a vaguidade do significado e o cunho emotivo. Para que se registre sinonímia absoluta é necessário que as concepções consideradas sinónimas se possam intersubstituir em todos os contextos sem qualquer alteração quer no aspecto semântico, quer no plano emotivo. Assim, na base da presença destes pressupostos ou na ausência de um deles, os sinónimos subdividem-se em (Ullmann 1957 : 108):

1. Sinónimos absolutos: co-extensivos, ou seja, de extensão semântica idêntica e intersubstituíveis no aspecto semântico e no plano emotivo.

2. Pseudo-sinónimos:

- a. co-extensivos, ou seja, de extensão semântica idêntica e intersubstituíveis nalguns contextos, mas não em todos.
- b. co-extensivos, ou seja, de extensão semântica idêntica, e intersubstituíveis no aspecto semântico mas não no aspecto emotivo.

Ilustramos o primeiro tipo pelas seguintes representações abstractas:

- (5) A mãe suportou o desgosto da morte do filho
- (6) A mãe aguentou o desgosto da morte do filho

que se pautam por um paralelismo conceptual evidente, decorrente da utilização de um mesmo contexto semântico e emotivo. Quanto ao segundo tipo, recorreremos às concepções de criar e alimentar que apenas se reporta à subalínea b :

- (7) A Maria alimentou cinco filhos
- (8) A Maria criou cinco filhos

A concepção de alimentar diz apenas respeito ao fornecimento de alimentação, enquanto a concepção metafórica de criar, embora abranja o aspecto alimentar, veicula a ideia de acompanhamento do desenvolvimento dos filhos também sob o prisma emocional e sob o aspecto da protecção física.

Não pretendemos contestar a pertinência da divisão dicotómica em sinónimos e pseudo-sinónimos, visto que a mesma se insere num quadro teórico previamente identificado. Pretendemos apenas estudar a questão da isomorfia sob o ponto de vista da teoria cognitiva, i.e., partindo do princípio, fundamentado etimologicamente, de que a sinonímia só se verificará se as representações linguísticas forem idênticas no plano da representação cognitiva, ou seja, nos planos do domínio cognitivo e dos esquemas imagéticos pré-conceptuais subjacentes.⁶

5.

A pesquisa onomasiológico-semasiológica dos significados de prever foi realizada complementarmente em alguns dicionários de português de épocas diferentes. Para Moraes da Silva (1955:429), a concepção afigurava-se polissémica, possuindo como primeiro sentido “ver antecipadamente; calcular”, em que, de facto, se regista para já a inclusão de significados concretos e abstractos numa mesma alínea do dicionário, facto por si ilustrativo da mutação semântica de prever para o plano abstracto, que vem a ser corroborado pelos exemplos por ele citados:

“Tinha a mania de dar conselho, de olhar ao longe, de prever consequências e de conjurar perigos ...”

Tomás de Figueiredo, Nó Cego p. 197

“Prevendo que não poderia adormecer, ausentou-se à banca.”

Pedro Ivo, Contos p. 202

Concluimos, pois, que prever se articula ao nível do objecto directo com entidades abstractas (consequências) e com o verbo modal de possibilidade (podéria), introdutor de adormecer, que igualmente perspectiva uma dimensão abstracta. O mesmo autor aponta ainda o sentido 2 de prever, parafraseável por “supor, conjecturar” na base dos seguintes exemplos:

“... quem ousara prever ... até que ponto a Rainha Isabel de Inglaterra e o seu volúvel aliado Henrique III de França arriscariam as tropas e os tesouros a fim de atalharem a ambição de Espanha”

Rebello da Silva, História de Portugal II, 2 cap. 3,3.

Também neste caso prever rege uma frase do foro abstracto, dominada pela concepção verbal abstracta de arriscar no condicional.

Para Holanda (1986 : 1391), prever é igualmente considerado polissémico, aventando como significado primeiro: “ver antecipadamente; calcular; conjecturar; supor” nos exemplos que seguem:

“Já previra esse feliz resultado: em certo ponto avistou um séquito de carros que seguiam na mesma direcção. Já os previra ouvindo de longe os graves e agudos de sua solfa no ermo.”

Xavier Marques, A Volta da Estrada p.7

Chamamos à atenção para o facto de que a nível explicativo não se distinguir o significado concreto do significado abstracto, associando “ver antes” a “calcular” e “conjecturar”. Além do mais, o exemplo é revelador da absorção do significado concreto pelo significado abstracto.⁷ Se prever, por um lado, se integra no significado concreto “prever + resultado + avistar”, por outro, no restante excerto, tem uma ligação ao abstracto que é dominante “...já os previra ouvindo de longe”, dado que, neste contexto, só se pode entender prever no sentido de representação mental antecipada, e não no sentido físico de visão. Como significado segundo figuram os sinónimos:

1. “Fazer supor, subentender, pressupor : O desenvolvimento de recursos materiais prevê a ampliação da cultura.”

Em terceiro lugar, aparecem referidos os sinónimos:

2. “Profetizar, prognosticar, predizer : As cartas prevêm um desastre.”

Não será difícil constatar que, em qualquer dos sentidos exemplificados, se patenteia um significado abstracto de prever. Na perspectiva cognitiva diremos que prever se insere no domínio cognitivo abstracto porque o processo se desenrola no interior da mente humana⁸, sem influência directa do mundo exterior, sendo, pois, inacessível à visão e aos outros sentidos.

Investigando o significado de prever, no plano exclusivamente onomasiológico, foram apontadas, entre outras, as seguintes paráfrases no dicionário de Sinónimos (1992 : 897) : predizer, prevenir, pressupor e antever. Resta-nos provar com recurso à etimologia se pertencem ao mesmo domínio cognitivo de prever, consubstanciando o mesmo esquema imagético.

5.1

Passemos, então, ao estudo onomasiológico da noção de prever partindo da análise de um dos seus sinónimos, a saber, a concepção de predizer, originada na concepção latina de praedicere, detentora dos seguintes significados (Ferreira 1994 : 909) :

1. *Dizer antecipadamente, começar por dizer, dizer previamente*
2. *Predizer (ac. ou prop. inf.)*"
3. *Ordenar, mandar, recomendar, exortar, determinar, notificar (com prop. de ut ou ne)*"

Considerando o significado 1 como significado base, concluímos que o significado 2 se obtém por extensão metafórica do concreto para o abstracto, naturalmente, a partir do significado 1, pelo que "dizer algo antecipadamente" vem a ser "conjecturar algo antecipadamente". Quanto ao significado 3, é um produto metafórico-metonímico do significado 1.⁹ Assim, "dizer algo antecipadamente" vem a ser "recomendar algo a alguém antecipadamente", como é natural através de emissão linguística.

No português actual (Holanda 1986 : 1381) os significados abaixo são reunidos numa mesma alínea : "*dizer antecipadamente, vaticinar, profetizar, prognosticar*", o que, quanto a nós, sinaliza a absorção do significado concreto pelo significado abstracto. Contudo, trata-se de uma absorção parcial, uma vez que a dimensão física de dizer não foi totalmente apagada, conforme os exemplos:

- (9) Nostradamus predisse acontecimentos futuros com as seguintes palavras : ...
- (10) O motorista predisse o acidente numa entrevista

As ocorrências abstractas acima, não sendo fisicamente delimitáveis anteriormente ao seu anúncio prévio, i.e., não fazendo parte do mundo concreto, ligam-se, porém, ao mesmo pela representação do complexo imagético de trajectória do interior para o exterior.¹⁰

Tal como ocorria com prever, a representação metonímica abaixo afigura-se igualmente possível:

(11) O boletim metereológico predisse a tempestade
complexo polissémico de predizer abrange ainda extensões metafóricas, tais como:

(12) As cartas predisseram a catástrofe

(13) As nuvens predisseram a tempestade

em que se personificam, de algum modo, os sujeitos não animados acima referidos, atribuindo-lhes capacidade de comunicação. Relembramos que o contexto de (12) não se aplicou a prever, pelo que constatamos que o escopo metafórico de predizer é mais vasto do que o escopo metafórico de prever. Consideramos, pois, que predizer, embora se reporte a um processo interno ao sujeito, constitui também um processo externo, na medida em que representa uma trajectória para o exterior do corpo humano.

Concluimos, então, que se regista uma certa proximidade semântica entre prever e predizer, centrada não só na representação do esquema imagético pré-conceptual, frente-trás, presente no prefixo, mas também da dimensão interna comum às duas concepções. Porém, não se afiguram totalmente coincidentes, pelo facto de em predizer se reconhecer, paralelamente ao esquema imagético do contentor, o esquema imagético de trajectória, pelo que se representa o complexo esquemático de uma trajectória para fora do contentor.

5.2

Passemos à análise de um outro equivalente onomasiológico, a saber, prevenir em que é igualmente reconhecível o esquema imagético pré-conceptual “frente-trás” no prefixo “pre-”. Holanda (1986 : 1931) aponta como sinónimos de prevenir, entre outros : “*dispor com antecipação*”, “*preparar*”, “*dispor de maneira que evite*”, “*impedir que se realize*”.

Inserido no contexto linguístico já usado para prever, a saber :

(14) O motorista preveniu o acidente

transmite um significado diferente, claramente evidenciado pela representação cénica global:

(14 a) O João preveniu o acidente, desviando o carro para a berma

Se, no caso de prever, o motorista visiona o acidente antes de este ter lugar, já no exemplo acima, o João, em trajectória de deslocação, evita uma ocorrência que parecia iminente. Deste modo, prevenir significa evitar:

(15) O João evitou o acidente, desviando o carro para a berma

Mais uma vez tentaremos dilucidar as diferenças semânticas, recorrendo ao significado da palavra latina de origem praevenire (vir adiante), que possuía os seguintes significados do foro concreto (Ferreira 1994:923):

“Praevenio v. int. tomar a dianteira, vir adiante / preceder

Liv. “Hostis brevione via praeventurius erat”

(o inimigo por um caminho mais curto havia de tomar a dianteira)

v. trans. Passar à frente ; ultrapassar

Liv. “hostem praevenire”: ultrapassar o inimigo”

Para além dos significados concretos apontados, auferia ainda do significado abstracto de “antecipar”, “prevenir”. Contudo, o significado concreto parece, de facto, ter um grande peso, visto que representa uma trajectória de deslocação espacial para a frente em relação a um ponto de referência. Será este, quanto a nós, o factor determinante que está subjacente ao significado de “prevenir / evitar”, interpretável por apelo ao domínio cognitivo do concreto.

Concluimos, pois, que a divergência semântica entre as concepções de prever e de prevenir reside na diferença entre os esquemas imagéticos de contentor e de trajectória, que se reportam respectivamente, a uma ocorrência produzida no interior do sujeito e a uma representação de deslocação no espaço do Agente.

5.3

Continuemos a nossa análise com o estudo da concepção de pressupor em que, à primeira vista, se regista um paralelismo evidente com prever na base do esquema imagético pré-conceptual “frente-trás”. Constatamos que, na contextualização abaixo, aliás idêntica a prever:

(16) O João pressupôs um acidente

adquire um significado diferente, decifrável a partir do artigo indefinido que nos remete para uma cena não presenciada, pelo que poderá ser uma representação elíptica de:

(16 a) O João pressupôs que tinha havido um acidente

que, por sua vez, se inscreve hipoteticamente na cena global:

(16 b) Vendo vidros no chão, o João pressupôs que tinha havido um acidente

A visualização de vidros no chão constitui um indício de que, de facto, terá existido um acidente previamente à sua conjectura pelo motorista.

Se tentarmos integrar prever num contexto idêntico, a saber:

(17) * Vendo vidros no chão, o João previu o acidente

constatamos a incompatibilidade mútua entre a representação de ver e a representação de prever, aliás já apontada anteriormente.

Recuando no tempo, procuraremos fundamentar as divergências semânticas entre prever e pressupor por apelo à representação latina. Assim, no latim supponere indica quer a acção de pôr / colocar debaixo, quer a acção de pôr algo no lugar. Em qualquer dos casos, este “algo” é uma entidade física pré-existente à acção. Com base na concepção de “pôr algo no lugar” forma-se o sentido abstracto de “supor, calcular” que, conseqüentemente, representará a ordenação mental de algo pré-existente à acção. Chamamos a atenção de que a agregação do prefixo “pre-“ a “supor” terá já ocorrido no português segundo Holanda (1986 : 1389), vindo reforçar o sentido metafórico de fabricação mental.

Em suma, entre as concepções de prever e de pressupor registam-se diferenças óbvias. De facto, na perspectiva cognitiva diacrónica representam identidades muito diversas, a saber, a representação visual antecipada de algo não pré-existente com base no esquema imagético do contentor e a representação de ordenação mental prévia de algo pré-existente, em que se regista um contacto visual concreto.

5.4

Por último, passemos à análise de antever, segundo Machado (1955 : 266), proveniente da concepção latina antevidere que, conforme apurámos, terá sido cunhada muito tardiamente no latim, não constando como sinónimo de praevidere em Dumesnil (1821). Para além do significado concreto “ver antes” e abstracto de “prever”, teria ainda o significado de “desejar” Forcellini (1965:265).

No português, como aliás se passou com prever, o significado abstracto terá absorvido o significado concreto já no século XVI, conforme o exemplo citado por Machado (1955:266) :

“Mas António da Silveira, que por seu entendimento e grande providência anteveo o engano, nunca se temeu como então ...”

Déc. IV, X cap. 16 p. 610 (sublinhados nossos)

De facto, em antever o significado de “ver antes” terá sido absorvido pelo significado “visionar antecipadamente”, inscrevendo-se, assim, no domínio cognitivo abstracto.

Ao estudarmos esta concepção no plano semasiológico, registamos as seguintes compatibilidades, respectivamente no sentido literal, e nos planos metonímico e metafórico, segundo os motivos já apontados para prever:

- (18) O João anteviu o acidente
- (19) O boletim meteorológico anteviu a tempestade
- (20) As cartas anteviram a catástrofe

No registo das incompatibilidades, tal como ocorria com prever inscreve-se a frase :

- (21) * As nuvens anteviram a tempestade

em que fica patente a impossibilidade de atribuir um visionamento mental antecipado ao sujeito não humano.

6.

Em suma, em português regista-se a intersubstituição de prever e de antever em todos os contextos, quanto a nós porque remetem etimologicamente para domínios cognitivos muito idênticos, a saber, o visionamento de elementos abstractos ou ocorrências abstractas em regime antecipado, com base no esquema imagético pré-conceptual frente-trás, e no esquema do contentor.

Mais importante do que o que acima referimos é ainda o facto de prever e antever terem seguido do latim até ao português actual percursos semânticos idênticos que levaram à absorção do significado concreto pelo significado abstracto.

Pelo contrário, prevenir e pressupor semanticamente são o resultado de intersecção de domínios cognitivos concreto e abstracto. Afastam-se, pois, do significado actual de prever nos contextos apontados.

A proximidade semântica entre prever e predizer, que evoca um processo interior, é notória, embora a nível cognitivo se registem diferenças entre as duas concepções, dado que a predizer subjaz o complexo esquemático contentor/trajectória.

Na base das representações imagéticas decorrentes da análise afectuaremos uma ordenação radial, nos planos semasiológico e onomasiológico, das várias concepções consideradas sinónimas de prever:

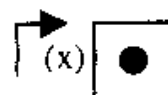
prever
antever



predizer



prevenir



pressupor



Assim, partindo da representação esquemática, considerámos que a concepção de predizer é a mais próxima de prever / antever, devido à proximidade esquemática. Pela mesma ordem de ideias, a concepção de pressupor patenteia maior afastamento, devido a uma maior complexidade esquemática.

Em jeito de conclusão, voltaremos à afirmação de Ullmann. De facto, a sinonímia é um luxo, um caso raro, que, como comprovámos, pode ser cabalmente estudado à luz da semântica cognitiva.

NOTAS:

1. Como exemplo deste último sentido citaremos o exemplo "*vir prudens futura praevidet ...*" Dumesnil. (1821 : 285).
2. Tudo indica que o esquema proximidade-distância (Johnson 1987:126) está presente na conceptualização das representações latinas em análise.
3. O corpus que abrange Gil Vicente. Obras Completas, Civilização Porto, 1979 e as Crónicas de Fernão Lopes, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 1993 3ª ed. revelou uma exiguidade notória de exemplos, pelo que a conclusão a que chegamos é provisória.
4. Segundo palavras dos autores (1996:39), a análise concreto/abstracto decorre em três planos: "*ils nous semble que les trois plans sur les quels nous avons abordé l'opposition abstrait / concret ont permis de clarifier considérablement la situation. Le premier en distinguant entre le caractère abstrait/ concret d'un N et celui d'un SN, outre le problème que posent les SN génériques, a réglé la question complexe du statut de substantifs tels que blancheur et exposition... Le deuxième, en envisageant la dimension hiérarchique, a rendu justice à l'acception d'abstrait comme général ... La troisième, avec la prise en compte du type d'occurrences de N, a tracé les rapports qui unissent la définition de l'opposition abstrait/concret en termes de matière, celles en termes d'accessibilité/inaccessibilité aux sens et celles en termes de dépendance/independance référentielle.*"
5. Conforme Lakoff (1987:283), tomando o nosso corpo como ponto de referência é possível dividir o espaço em duas partes: a que se situa à sua frente, perceptionável pelos órgãos de visão, e a que se situa nas suas costas, ou seja, a parte de trás.
6. Johnson (1987:2) define-os do seguinte modo: "*Image – schemas are abstract patterns in our experience and understanding that are non-propositional*".
7. Bréal (1924:151) lança, pela primeira vez, a noção de absorção semântica: "*L'événement survenu est d'une autre nature comme un héritier qui entre instantanément en possession d'un bien jusqu'à-la indivis, le dernier suivant succède à tout une locution et en absorbe le sens.*"
8. Reporta-se, então, ao esquema do contentor (Johnson 1987:125) caracterizado pelo isolamento de um espaço interior em relação a um espaço exterior.
9. Na base da nomenclatura estabelecida por Goossens, (1995:172) classificá-la-emos de "*metonímia no seio da metáfora*", visto ser um caso em que "*a metonymically used entity is embedded in a (complex) metaphorical expression.*"
10. O esquema da trajectória (Path schema) foi especificado por Johnson (1987:113) do seguinte modo: "*In every case of PATHS there are always the same parts : (1) A source, or starting point, (2) a goal, or endpoint, and (3) a sequence of contiguous locations connecting the source with the goal. Paths are thus routes for moving from one point to another.*"

BIBLIOGRAFIA:

- ALMEIDA, M.C. (1995), *Transitividade e Trajectória nas concepções de abrir e de cortar em português e alemão : análise prototípico-analogista*, Dissertação de Doutoramento, Lisboa
- AZEVEDO, F. DE (rev) (1994), *Pequeno dicionário latino-português*, Companhia Ed. Nacional, S.Paulo
- BRÉAL, M. (1924), *Essai de sémantique. Sciences des significations*, Hachette, Paris
- BRUGMAN, CLAUDIA (1990), "What is the Invariance Hypothesis?" in *Cognitive Linguistics* 1-2 pp.257-266
- Dicionário de Sinónimos* (compilado pela Tertúlia Edípica), Porto Editora, Porto, 1992
- Dumesnil, G (1821), *Synonymes latins et leurs différentes significations*, Delalain Frères, Paris
- FERREIRA, A.G. (1944), *Dicionário de Latim-Português*, Porto Editora, Lisboa
- FORCELLINI, A (1965), *Lexicon Totius Latinitatis*, Patavii, S.L.
- GALMICHE, M., KLEIBER, G. (1996) "Sur les noms abstraits" in Flaux, N. et alii (eds), *Les noms abstraits / Histoire et Théories*, Septentrion, Paris, pp. 21-40
- GEERAERTS, D. (1988 a), "Cognitive grammar and the history of lexical semantics" in Rudzka-Ostyn, B., pp. 647-677
- GEERAERTS, D. (1988 b), "Where does prototypicality come from?" In Rudzka-Ostyn, pp. 207-229
- GEERAERTS, D. (1997), *Diachronic prototype semantics, a contribution to historical lexicology*, Clarendon Press, Oxford
- GOOSSENS, L. ET ALII (ed.) (1995), *By word of mouth: metaphor, metonymy, and linguistic action in a cognitive perspective*, John Benjamins, Amsterdam
- HOLANDA, A.B. (1986), *Novo dicionário Aurélio*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2ª Ed.
- JOHNSON, M (1987), *The body in the mind. The bodily basis of Meaning, Imaginations, and Reason*. Chicago U. Press, Chicago
- KRZESZOWSKI, T. (1993), "The axiological parameter in preconceptual image-schemata" in Geiger, R., Rudzka-Ostyn, B (eds), *Conceptualization and mental processing in language*, Mouton, de Gruyter, pp. 307-330
- LAKOFF, G., Johnson, M. (1980), *Metaphors we live by*, Chicago U. Press, Chicago
- LAKOFF, G. (1987), *Women, fire and dangerous things*, Chicago U. Press, Chicago
- LAKOFF, G. (1991), "The Invariance Hypotheses: is abstract reason based on image-schemas?", *Cognitive Linguistics*, pp.39-79
- MORAIS DA SILVA, A (1955), *Grande dicionário da Língua Portuguesa*, Ed. Confluência, Lisboa, 10ª ed.
- PAUWELS, P., SIMON – Vanderbergen, A. (1995), "Body parts in linguistic action. Underlying schemata and value judgements" in Goossens, L. et alii (ed.), pp. 35-70
- ROUSSEAU, J.J. (1981), *Ensaio sobre a origem das línguas*, Estampa, Lisboa

- SILVA, A. SOARES DA SILVA (1996), “ A mudança semântica como reorganização de protótipos: O verbo deixar”, *Actas do XII Encontro da APL*, Colibri, Lisboa, pp. 317-327
- SWEETSER, E. (1990), *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*, C.U.P., Cambridge
- TURNER, M. (1990), “Aspects of the Invariance Hypothesis” in *Cognitive linguistics* 1-2, pp. 257-266
- ULLMANN, S (1957), *Principles of semantics. A linguistic approach to meaning*, Basil Blackwell, London
- VILELA, M. (1996), “ A metáfora na instauração da linguagem” in *Línguas e Literaturas*, revista da Fac. De Letras, Porto XIII, pp. 317-356
- WINTERS, M. (1992), “Schema and prototypes : remands on syntax change” in Kellermann, G., Morrissey, D.M. (eds), *Diachrony within synchrony: Language history and cognition*, Peter Lang, Frakfurt, pp. 265-280